

L. Biscainha

Diário

MUNDIAL

Nº 28



Ao menos quando eu me casar já tenho quem me faça o serviço

1 ESC.

RISO MUNDIAL

Redacção e Administração:
R. DE SANTANA (A LAPA), 15-LISBOA * Composição e Impressão: EDIÇÕES «O MOSQUITO», LTD., Trav. de S. Pedro, 9 Telf. 2 5893 * Distribuidores: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LTD., Largo Trindade Coelho, 9, 2.º Telefone 2 7507 — LISBOA

Toda a correspondência

deve ser dirigida para a Rua de Santana (á Lapa), 15 LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Director (Interino) e Proprietário: JERÓNIMO PITEUS DE SOUSA
Editor (Interino): J. A. ROUSSADO PINTO
Red. principal: FERNANDO DOS SANTOS (SANTOS FERNANDO)

NORTADAS

Eu conheci...

— Um alfaiate tão miserável que quando a filha fazia anos não lhe dava nem um alfinete.

— Um fabricante de gelo tão honesto que dava a todos os fregueses meia hora de garantia.

— Um cavalheiro tão tímido, que não podia jogar o xadrez, pois a sua timidez não lhe permitia tocar nas rainhas.

— Um marido tão miserável, que a senhora não tinha sequer jóias de fantasia. Tinha só jóias de imaginação.

— Uma estenógrafa que só escrevia o que lhe ditava a consciência.

— Um vendedor de bolas de futebol que só cobrava preços redondos.

— Uma esposa tão boa, que até ajudava o marido a lavar a loiça.

— Um casal muito feliz. Ela vivia em Lisboa. Ele vivia no Porto.

— Um banqueiro que tinha uma péssima cotação.

O Homem dos Bonecos.

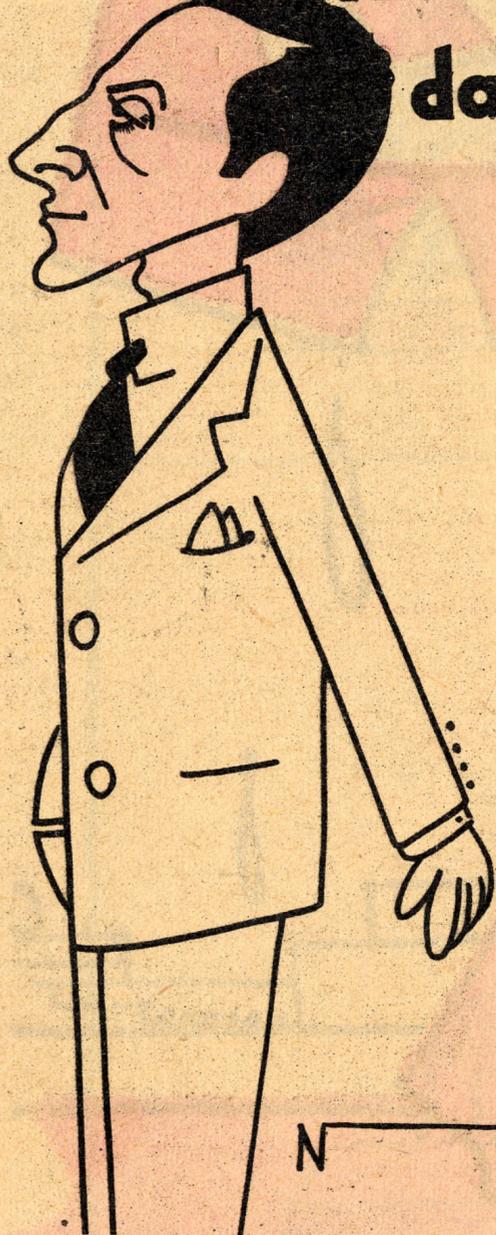
À ÚLTIMA HORA

A última hora, enviada por um autor que tem medo de revelar o nome, acaba de chegar mais esta piada:

— Havia um homem que tinha um aparelho de telefonia tão pequeno, tão pequeno, que em vez de apanhar estações só apanhava apeadeiros!

Ah! Ah! Ah!!!

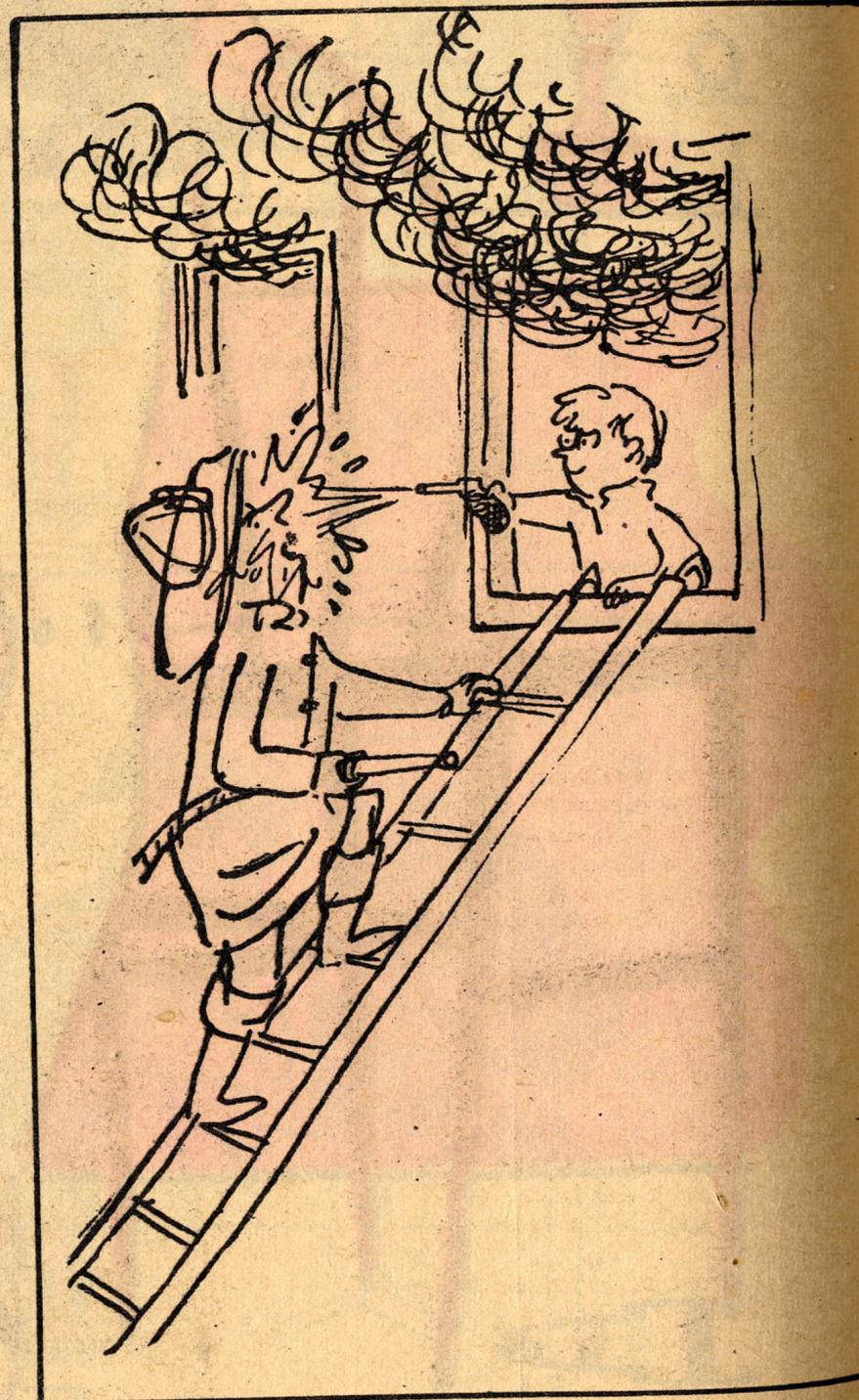
A Caricatura da Semana



JORGE BRUM DO CANTO Uma interpretação de MARIO NORTON



A FORÇA DO HABITO



P O M P E U

O CONQUISTADOR

por AMÉRICO JOSÉ GÍRIO



— Não acredito que tivesses ido buscar as flores ao fundo do mar.

— D O I D I C E S —

O Ildefonso fora pedir 500 escudos emprestados ao senhor Melo.

No fim de muitas promessas viu-se com o dinheiro no bolso.

— Obrigado, senhor Melo! A vida está tão má que a gente...

— Pois é, pois é. Tudo se modificou. Outro dia pediram-me por uma mesa de pinho 700.000! Sabe quanto é que custava dantes uma mesa de pinho?

O Ildefonso coçou a cabeça. Já sabia quando o senhor Melo começava a falar já não se calava.

— Não, não sei! — respondeu.

— Faça um cálculo!

— Ai uns 80.000!

— Qual quê, meu amigo!... Nada! Não custava nada. Hoje, para se mobilar uma casa é um dinheirão. Quanto pensa que custava dantes um lavatório?

— ???!

— Diga!

— Ai uns trinta escudos!

— Trinta escudos? Nada, meu amigo. Não custava nada. As casas tinham até muito gosto em os oferecer aos clientes! Quem diz móveis diz outra coisa. Quanto custava uma dúzia de bananas, sabe?

— Ai dez tostões!

— Nada, meu amigo, absolutamente nada! E uma vitela das boas?

— Talvez cem escudos!?

— Está doido! Isso não custava nada! E um bom cavalo? Sim, quanto custaria um bom cavalo?

— Quem sabe se uns trezentos escudos!?

— O meu amigo é parvo! Um bom cavalo não custava nada!

Ildefonso que já estava pior que uma fera, perguntou:

— O senhor Melo sabe quanto é que me emprestou há bo-cado?

— Quinhentos escudos!

— Não, meu amigo, absolutamente nada!

E saiu sem mais conversas.

DON TARA.

VIAJAR NAS LINHAS
DA C. P. É CONHECER
PORTUGAL.

Pompeu tinha, quando o conheci, vinte lindas primaveras; era coxo, marreco, frequentador do Salão... Piolho e um daqueles tipos que sorrindo para uma mulher se tornam fatalmente irresistíveis. Mulher que olhasse para ele pela primeira vez era conquista certa do nosso Pompeu.

A sua popularidade era enorme—quem não conhecia Pompeu, o conquistador, se raro era o dia em que não fosse visto a arrastar a asa, perdão, Pompeu não é anjinho... é coxo, portanto se raro era o dia em que não fosse visto a arrastar a perna seguindo amorosamente o rasto de algum «monumento» do chamado sexo fraco...

As suas façanhas amorosas eram conhecidas e ouvidas por todos os que as escutavam, com verdadeiro entusiasmo e até, diga-se de passagem, com uma pontinha de inveja.

Quem não desejaria ser senhor do melão coração da «Micas» do lugar, da reboluda «Micas» que lhe caíra nos braços perdidinha de amores, ao cabo de pouco mais de sete minutos e vinte segundos de irresistíveis galanteios!

Oh! E a Fifi, a romântica Fifi, filha da «Ti Mila» peixeira? Mas que paixão! Palavrinha que até metia impressão!... Decididamente Pompeu era um conquistador emérito, um ho-

mem para quem o amor não tinha segredos.

E como ele evitava tão bem a palavra pai!

A sua carreira que até então tinha sido de um brilhantismo inexcelsível, sofreu repentinamente o primeiro eclipse.

Um dia, treze de Janeiro de mil novecentos e... carqueija, por sinal uma sexta-feira, Pompeu ousou fixar mais insistentemente uma «beldade» que por ele passara e que atraída pelo seu fascinante olhar, foi embater violentamente com os seus cento e cinquenta quilos bem aviados no acidentado físico do nosso D. Juan.

Graves consequências acarretou para Pompeu este acidente que ficou na história dos «Amores Célebres» com o parto de doze interessantes criancinhas com a bonita tara de cinquenta quilos cada uma—tadinhas, saíam à mãe!— e todas coxeando ligeiramente da perna esquerda—tadinhas, saíam ao pai!

Hoje Pompeu, o célebre conquistador de outrora, o homem por quem as mulheres transformavam o amor num «agradável» passatempo, anda ao trapo com um gancho para dar de comer àqueles doze matulõeszinhos que lhe chamam pai sempre que Pompeu, recordando com saudades tempos que já lá vão, tenta fazer uma «perninha» com qualquer vampe do seu agrado.



— Querem ver que este animal vai-me tirar o sol?

III — DESILUSÃO...

Antes de conhecer a Micas, o Chico era um homem feliz. Vocês conheceram-no? Era um bacano! Tinha uma geiteira para contar histórias e dizia-as de tal maneira que, por vezes, ia na décima, ainda a gente se ria da primeira.

As *pégas* era o seu forte! Botava a *fateixa* a cada *peixão*, deitava a *luva* a cada *espada* — das de assobio... O Chico era um az de *espadas*, embora fechada em copas... o Chico era um tipo feliz...

Mas o diabo tece-as! Um dia viu, com olhos de boi, a armação branca duns óculos escuros, um cabelo preto como o carvão de choça, uma boca cor de tomate esborrachado, um corpo de formas esculturais, qual caminho de curvas perigosas e o Chico imaginou que era este o *caminho* que o *guindaria* ao Paraíso... o Chico sentiu, no peito, o coração estalar de amor, como castanhas em assador... o Chico...

Armado em D. Quixote, encavalitou-se no seu meio palmo de físico, que a perícia do alfaiate faz algo de atlético, e desatou a *pisar-lhe o risco* por toda a parte. E ora lhe atrava uma olhadela meiga, capaz de fulminar um tijolo refratário, ora lhe vomitava, à laia de congestão, um galanteio doce como os rebuçados da *colecção*. Enfim, o Chico atacou o *brinquedo* por todos os lados, o Chico que *in illo tempore* fora um D. Juan consumado, andava consumidinho com aquela paixão assolapada...

Mas, semanas depois, topei-o, também de óculos escuros, todo metido pela Micas adentro, num dos bancos do jardim. Só queria que vocês vissem! Que cena de amor aquela! O rio corria devagarinho, sem fazer *basqueiro*, para não perder nem pitada do que diziam; o mar lambia alarvemente a basta areia da praia, branca e linda como a branca face da Micas; e eu... Ai! Aquela cena amoleceu-me o entendimento. E, todos os santos dias,

àquela mesma hora, naquele banco, os mesmos beijos se trocavam sem perderem o sabor, as mesmas juras se faziam, sem perderem a beleza... Aquele amor prometia só ter fim na sepultura.

Até que um dia — há sempre um dia na nossa vida — vi o Chico de cabeça caída, olhos caídos, boca caída, todo caído num enorme abatimento, sem óculos escuros e só, sinistramente só, no jardim. Da Micas, nem cinza... nem pó... nem nada...

Hum! — Aquilo cheirou-me a esturro e, assim como quem não vai a nada, aproximei-me dele:

— *Olá, pá!* À espera da *pêga*, hein? *Tráz!* dei-lhe uma palmadinha no *costado*, que fez *pum!* no *cavername*.

Levantou-se, ergueu a cabeça e com duas lágrimas a fazer equilíbrios nas pestanas, pipilou:

— Tudo acabou! — E ao dizer isto, *catrapuz!* caiu-me nos braços a chorar como um *perdido*.

— Que me dizes?

Não me disse nada! Os soluços atravancavam-lhe os gorgomilos.

Então, puxando umas *lascas* para o sentimento (sempre tive certa *geiteira* para *armar* ao sentimento), comecei:

— Estou banzado, *pázinho!* Olha que era linda, sabes? O rosto lembrava o da Gioconda do Vinci; o corpo, o da Vénus do Milo... Oh! E que bem lhe ficavam os óculos escuros! Parecia...

Nem me deixou acabar. Amarratou a testa, escancarou os olhos, escachou a boca e amarrando-me, com frenesi, as abas do *cenário*, gritou-me:

— Ficavam-lhe bem, mas tapavam-lhe um grande mal.

Como não estava disposto a aturá-lo, puz-me ao *piro*.

Mais tarde soube que a Micas da armação branca dos óculos escuros, tinha um olho de vidro.

Zé de Castro.



— Três pés?
— É verdade... um desastre que teve, perdeu um...

O MAIOR TORMENTO

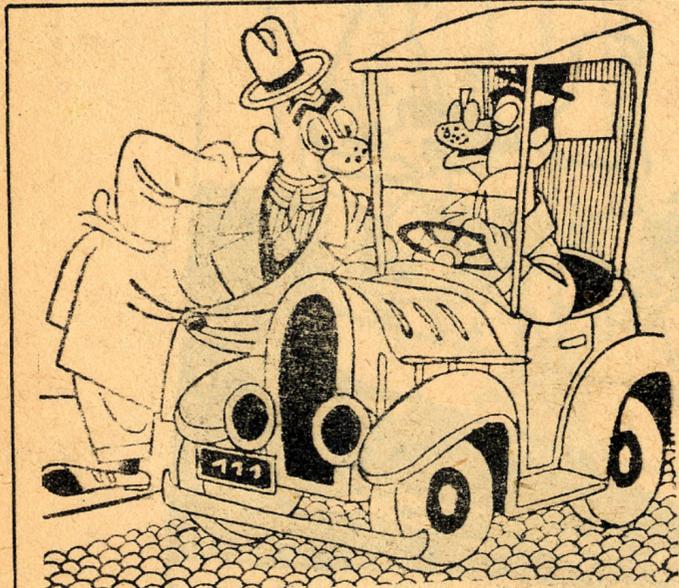
por Pedro de Sagunto

Um dos maiores tormentos deste mundo
Não é perder ao jogo o seu dinheiro,
Nem ser anavaldado p'lo barbeiro,
Nem cair para o mar e ir ao fundo.

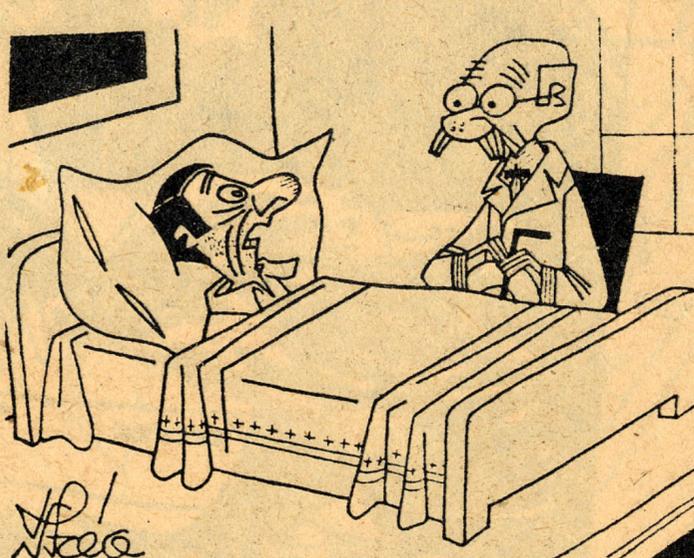
Nem ouvir versos dum vate fecundo,
Nem ter a pele cheia de cieiro,
Nem dever nada ao médico, ao tendeiro,
Ao droguista, alfaiate e a todo o mundo!

Nem levar pelas ventas forte murro,
Nem ter um usurário por senhorio,
Nem comer arroz com basto esturro.

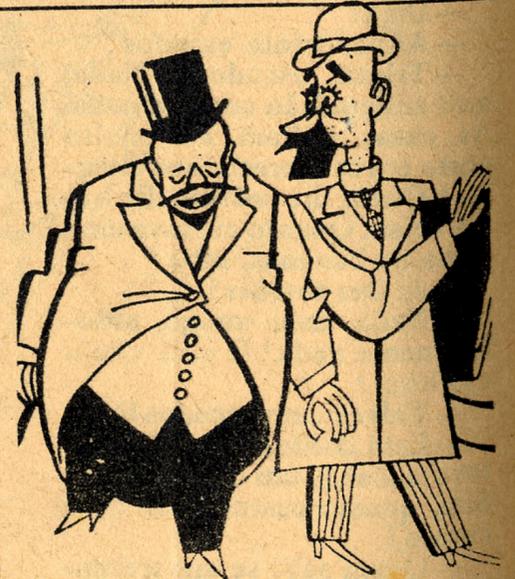
Nem ter calor no verão, no inverno, frio,
Nem levar, mesmo, um «pontapé» de burro,
Mas, comer na casa alheia... e ter fastio.



— Bem, se o motor está, como você diz, em ponto «morto», as veias deveriam estar «acesas»...



— O senhor tem um «ape».
— Mas o que é isso doutor?
— É um princípio de apendicite.



— Foi a minha sogra quem me tirou o vício do vinho.
— ???
— Quando estava bêbado via sempre quatro!

Horário dum aluno cábula

Eu no domingo estudar?
O domingo é p'ra gozar.
Na segunda começamos,
Mas assim não descansamos,
E eu a brincar me cansei.
Na terça começarei...

Na terça, «cruzes canhoto»!!!
Dia aziago é maroto.
Na quarta também não calha,
Nesse dia quem trabalha?
A pequena vou falar,
Está certo, mesmo a calhar.

Na quinta vou começar,
Eu tenho de trabalhar;
Porei as coisas em ordem,
E depois não me incomodem,
Na semana que passou,
Na ordem tudo ficou.

Na sexta nem pensar nisso,
As bruxas me dão enguiço.
No sábado é a valer...
Mas isso não pode ser,
E o meu banho de chuveiro?
A higiene primeiro.

Uma semana passou,
E o trabalho me cansou.
Isto assim não pode ser,
Todos vós estais a ver.
Que labor inconcebível?!!!...
A vida está impossível.

Dr. Pietro Bonevani.



— Você só prende «tipos destes»! Não conhece gente mais agradável?



— Quando os alpinistas chegam a casa...



— Para que foi isso?
— Então não disseste que me emprestavas a pistola para eu experimentar?

«... Meus senhores e minhas senhoras, eu não venho aqui à praça pública para vender os meus produtos, fazer propagandas escusadas ou mostrar as habilidades do macaco e da mulher eléctrica, porque o artigo que está dentro daquela mala é desconhecido em Portugal... (vai chamar gatuno ó teu tio!... Olhem, aquele andava a roubar carteiras no Cais do Sodré!...) Pois, este chá, meus senhores, tem curado muitas «ursas», doenças de todos os feitios e de todos os tamanhos. Na Rua Andrade n.º 854, 7.º andar, mora a senhora Dona Ludovina das Dors... do estômago da qual foi extraída... (ó Manel dá cá o frasco!)... Foi extraída, meus senhores, graças a este precioso pó, uma solitária com 385 metros de comprido!

Esta pomada, meus senhores e minhas senhoras, é proveniente das estepes geladas do Japão e em Portugal tem como único representante, os senhores Dias & Dias A. Boa-vida, do Porto, de quem sou agente nesta praça.

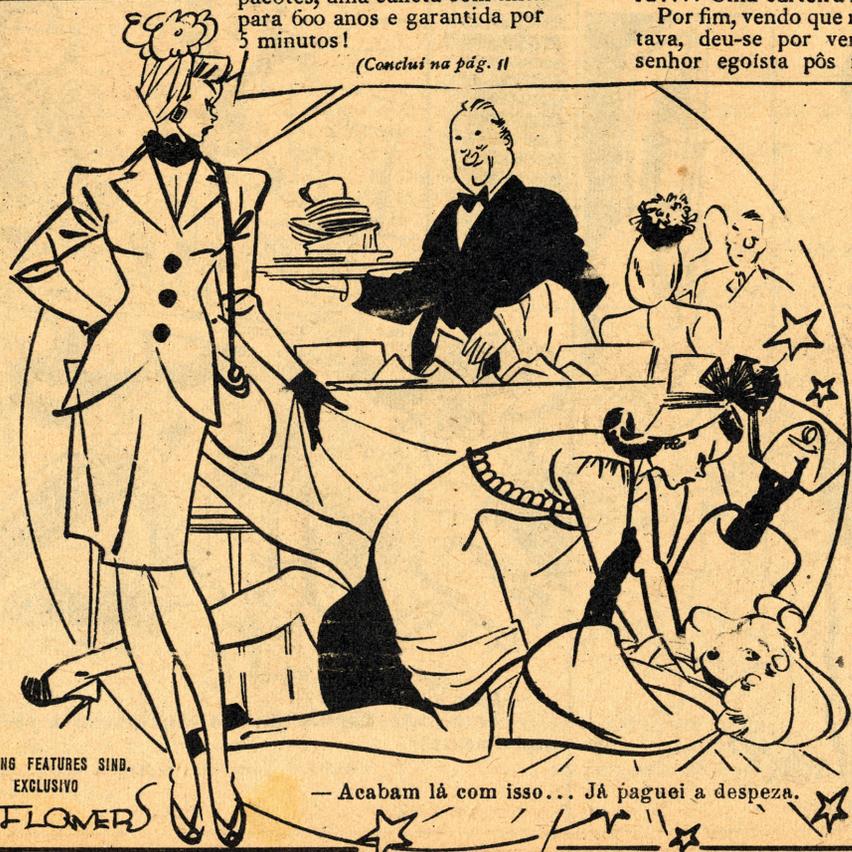
No pacote, V. Ex.ª encontrará o meu retrato... (Cadastrado era o teu avô, que matou 7 mulheres à fome!...) ... O meu retrato e a marca da casa. Não venho aqui para vender! Se há algum cavalheiro ou senhora que se sinta indisposto, é favor de se aproximar... (Ora faz obséquio... O Manel lava lá esse copo por onde bebeu o macaco!...) ... Pois, meus senhores, este cavalheiro, dentro de 5 minutos estará completamente bom!

Estes frascos no Japão custam 25 piastras que equivalem a 150 escudos, atendendo, claro está, a que o câmbio de Antuérpia sobre Nankin esteja a 20 francos cada coroa sueca ao clearing de 18 reichmarks, estando o câmbio ao par! Este produto não se encontra à venda nas nossas farmácias pela simples razão de que o seu preço seria exorbitantíssimo! Aqui, meus senhores, aqui ao preço de propaganda... (Ora faz favor de beber; que tal, hein!... Já está melhor, claro!) ... Como V. Ex.ª estão vendo a cura é eficaz! Este senhor já está completamente curado e nos 200 anos mais próximos não sentirá a menor dor. Isto demonstra que este chá, colhido e obtido à custa de muitas vidas, pelos cházeiros-suicidas, é um produto de renome. Pois, isto, a preço de réclame, não custa nem 100, nem 90, nem 80! Não custa 50! Nem sequer 20! Aqui, meus senhores, ao preço de propaganda, na praça pública, pode-se adquirir um pacotinho por ... por ... nem fazem ideia... pela módica quantia de 7750!

O preço dum pontapé nas costas para ver um filme de 30 partes no Coliseu dos Recreios da Escandinávia!

Um pacote 7750! Dois pacotes 12700 e ainda, para aqueles que levarem para cima de 3 pacotes, será atribuído o brinde de um pacote de lâminas de barbear, marca «No Cócegas» — a lâmina usada por Carlos VII da Groenlândia... para aparar os calos! E, ainda, aquele que levar 5 pacotes, uma caneta com tinta para 600 anos e garantida por 5 minutos!

(Conclui na pág. 11)



KING FEATURES SIND. EXCLUSIVO

DON FLOWERS

— Acabam lá com isso... Já paguei a despeza.



ORGULHO

— Lá porque naufragaram numa ilha que tem uma árvore já não há quem os agente...

O SENHOR EGOÍSTA

O senhor Egoísta acercou-se de sua mulher nas pontas dos pés. Depois de lhe tapar os olhos com uma mão, disse com voz mimosas:

— Que presente teria eu comprado para oferecer à minha querida esposa no dia dos seus anos?

A esposa do senhor Egoísta teve um sobressalto de alegria e tratou de adivinhar a surpresa:

— Umas meias de vidro?... Uns brincos?... Uma pulseira?... Uma carteira?...

Por fim, vendo que não acertava, deu-se por vencida. O senhor egoísta pôs nas suas

mãos uma grande caixa de cartão, envolta em papel de seda e atada com uma fita vistosa. Sua mulher, impaciente, desatou o laço, rasgou o papel e abriu a caixa. Não ponde conter um grito de surpresa:

— Mas... que é isto?... Umas botas para pescar trutas?

— Com efeito. Pensei que gostaria de ter umas botas para pescar trutas!

— Como te ocorreu semelhante ideia?

— Não vejo que tenha nada de particular. Pareceu-me uma oferta prática. E adverti-te que são magníficas — elogiou o senhor Egoísta.

— Quando é que me viste a pescar trutas? Quem pesca trutas és tu.

— Não, não, não, bem talvez tu me quizesse acompanhar.

— Sabes perfeitamente que detesto o campo e que os peixes vivos me dão um asco horrível.

— Não tinha pensado nisso. Sinto-o deveras!

— Poderias trocá-las por outra coisa — sugeriu a mulher do senhor Egoísta, esperançada.

— Impossível! É uma loja que não admite trocas depois de efectuadas as compras.

— Que pouca sorte!... E que vamos fazer?...

— Não te preocupes. Ofereces-me outra coisa para o ano que vem.

— Eu? E onde vou eu com umas botas de pescar trutas?

— A nenhuma parte, claro... Pois é um problema.

A esposa, muito triste, contemplou, em silêncio, as grandes botas. Ao cabo de uns momentos, exclamou:

— Demais, agora reparo: tampouco poderia calçá-las, mesmo que quizesse. Ficariam-me iam enormes. Repara, que grande pé! De que número são?

— Quarenta e três. — Quarenta e três?... Que disparate! Pois se eu calço trinta e cinco!...

— Caramba, é verdade! Em que estaria eu pensando? — disse o senhor Egoísta, dando uma palmada na testa.

— Quem calça quarenta e três és tu!

— Agora me explico! Confundi os nossos números e, em lugar de pedir o teu pedi o meu.

— Sempre foste uma calamidade para os números!...

— Perdoa-me, querida.

A esposa do senhor Egoísta suspirou, resignada.

— A única solução é tu usares essas botas!

— Não, não, nem pensar nisso — protestou seu marido — Comprei-as para ti e são tuas.

— Mas, como te encanta pescar trutas e são do teu número...

— Se vês as coisas sob esse aspecto, claro!

— Além disso, há muito tempo que querias comprar umas botas para ti.

— Isso não tem nada que ver. As que tenho estão velhíssimas mas... Eu ofereci-te estas... São tuas!

— Não te preocupes. Ofereces-me outra coisa para o ano que vem.

— Se não te importas... — concluiu o senhor Egoísta.

— Se fazes empenho, utiliza-las-me. Mas a título de empréstimo! Como são tuas, podes pedi-las quando necessites.

Promete-me que o farás.

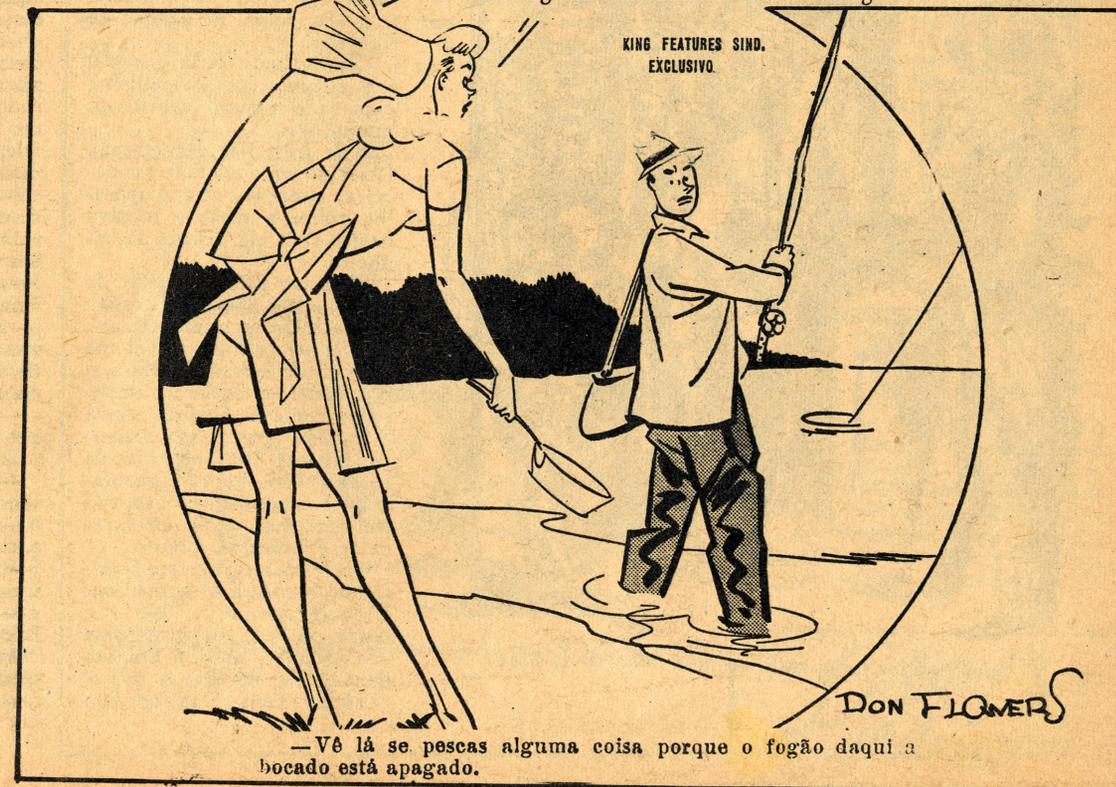
— Prometo. — Agradeço-te muito que me emprestes as botas. Verás como cuido delas.

E o senhor Egoísta, beijando a sua boa esposa, saiu levando as botas.

«Para o ano que vem — pensou, com um sorriso satânico — hei-de-lhe oferecer meia dúzia de camisas e de gravatas... que bastante falta me estão fazendo!»

A.

(Tradução e adaptação da «Codornis» por YO SOY YO).



KING FEATURES SIND. EXCLUSIVO

DON FLOWERS

— Vê lá se pescas alguma coisa porque o fogão daqui a bocado está apagado.

Quando vejo um sujeito casado a armar-se em poetas, deixando crescer o cabelo, penso logo para comigo: «Eis um homem que esconde qualquer coisa!...»

«Vou e nunca mais voltarei» dizem certas mulheres despedindo-se de nós mas aguardando que lhe respondamos: «Espero-te às nove para irmos ao teatro!»

Os lunáticos são os habitantes da lua... com passaporte visado para permanecerem na terra!

Porque será que o entretenimento dos amigos da paz é, paradoxalmente, as notícias da guerra?!

«Nem tudo o que luz é oiro» — por exemplo, o meu candieiro a petróleo!

Nunca mostres o livro de cheques a uma mulher, sobretudo ao Domingo. Esta saberá muito bem que os bancos estão fechados.

«Se algum dia me enganases, matar-te-ia» — dizem certos maridos depois de terem a certeza que sua mulher já lhe foi infiel para cima de cem vezes.

A melhor maneira para evitar a velhice, é morrer jovem.

Para se dizer que a terra gira sobre o seu eixo os cientistas gastaram dezenas de

anos. Num segundo afirmo, sem pejo, que a terra anda fora dos eixos!

Como devem ser felizes os imbecis! Ninguém lhes faz perguntas!

O melhor remédio para os nervosos e os neurasténicos é ser compositor tipográfico!

O pintor de paisagens é um poeta cuja paleta é o seu dicionário de rimas.

«Acompanhar-te-ia até ao fim do mundo — dizem certas mulheres que nos não acompanham ao cinema mais próximo!

Os velhos são crianças que não são jovens e que não apanham açoites por irem ao açúcar!

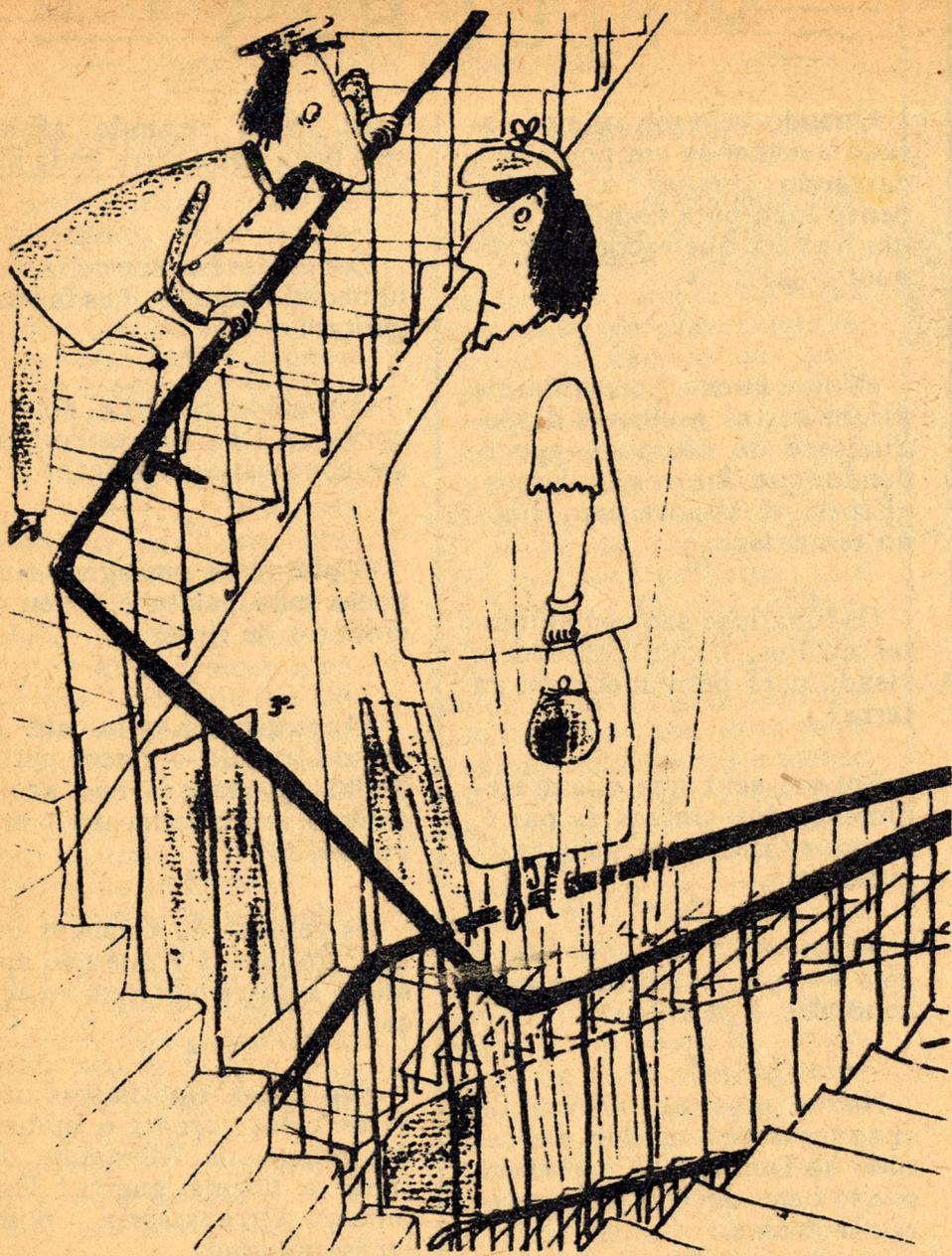
Não faças estatísticas nem vejas pelos jornais o número de mortos na Alemanha durante a última guerra! Esse número ultrapassaria a população mundial.

Quando vejo num bar o aviso de «reservado o direito de admissão» penso logo para comigo: «Eis uma casa onde se admite tudo!...»

Nunca faças como um homem meu conhecido, que tendo o hábito de jogar o xadrez, à própria hora das refeições, fez cheque mate com uma batata e enguliu uma rainha!

EU FALEI A NERO, O DIVINO!

— (Exclusivo da Treta Fantastic para o RISO MUNDIAL) —



— Desculpe-me! minha senhora! Esqueci-me de lhe dizer que esta casa não tinha elevador...

Agora é vulgar lerem-se pelos jornais e nas capas dos livros de memórias títulos sugestivos no género do que encima estas linhas. Pouco mais ou menos acredito na veracidade de certas afirmações, e muito longe de mim esteja a desconfiança de que coisas assinadas por repórteres de jornais e agências mundialmente conhecidas, altas individualidades, criados de quarto e simples assistentes dos grandes dramas da História que um dia se há-de escrever não correspondam à verdade nua e crua. Ou, simplesmente, coberta com o manto diáfano da fantasia... o que bem pouca diferença faz. Mas o que é inegável, sem dúvida, é que a afirmação contida neste título é um facto consumado. Sim, caríssimos e prezadíssimos leitores! Eu falei a esse poço de vaidade, de concupiscência que foi imperador, poeta, músico, cantor e tudo o mais que apeteceu ser à sua realíssima gana: Eu falei a Nero, o divino!

Certa manhã peguei no telefone e pedi:

— «Roma, 01310, urgente!»

A prestável telefonista — uma bonita pequena de grandes olhos de veludo negro — repetiu o meu pedido com uma voz muito meiga... e pronto.

Dois dias depois a estrídula campainha do meu aparelho retinia e a mesma simpática funcionária indagava:

— «Pedi Roma, 03130, urgente?»

— «Não! — berrei desesperado — Pedi Roma 01310, URGENTE!»

— «Desculpe, foi engano de ligação».

Céus! Como seria possível um engano com semelhante capicúa, o número favorito do grande Nero?

Mais três dias decorreram. Dormia com o telefone à cabeceira, almoçava com o aparelho sobre a mesa e tomava banho com ele dentro da banheira.

Se acaso tinha que sair de casa metia-o dentro do chapéu para atender ao primeiro sinal.

Finalmente consegui pôr-me em contacto com Petrónio, o secretário particular do imperador romano. Quando soube o motivo porque uma chamada urgente fora emitida de Lisboa sorriu com finura, afofou a barba negra, ensopada em perfumes caros da Cirenaica e informou solcito:

— «Nero, meu augusto imperador, encontra-se numa conferência de dois... ele e o outro. Atende os jornalistas aos sábados, após a limpeza do Coliseu, durante o *five o'clock tea*. Tenho o prazer de o

informar que abrirá uma excepção para a *Treta-fantastic*, caso a entrevista se destine ao «Riso Mundial», pelo que poderá aparecer quando lhe aprover...»

Quase me engasguei com um pequeno caroço de azeitona de Elvas, pois estava jantando nesse momento. Protestei os meus agradecimentos ao estimável Petrónio e propuz-me seguir viagem nessa noite.

Com os maçadores pormenores da minha acidentada viagem não enfadarei o leitor amigo. Simplesmente desejo informá-lo de que, da Estrela, onde tenho o prazer de morar, até tomar o avião que me conduziu a Roma, viajei nos vertiginosos e assaz estafados eléctricos da Carris. E esta travessia de Lisboa levou pouco mais de quatro dias, o que é, simplesmente assombroso como tempo record de velocidade...

Quando me encontrei às portas do sumptuoso palácio onde Nero residia deparei com um espectáculo inédito: um carrinho de gelados da «Veneziana» parara sob um varandim onde uma escrava negra, semi-nua, abanava o rotundo imperador, que se deliciava com um esplêndido sorvete de morango.

O grande Nero acabara de atirar uma «corôa» ao rapaz dos gelados quando me avistou.

Animaram-se-lhe os olhos popudos, acenou-me prazenteiro e gritou:

— «Allo boy!»

Imediatamente supuz que aquilo fossem influências do cinema americano, mas nada disse. Cortezmente, tirei o chapéu e cumprimentei. Transpuz a escadaria de mármore rodeado de cortezãos, vestidos dum tecido muito fino, que, mais tarde, alguém me disse ser a última novidade em produtos sintéticos, e encontrei-me num vasto salão.

Dois colossais leões da Líbia vieram ao meu encontro. Pouco simpáticos, esses bichinhos! Mas Nero assomara já a uma porta do fundo e chamava-os, com um torrão de precioso açúcar na palma da mão:

— «Pst! Venham cá, meninos!»

E depois, para mim:

— «O tu, que de humanos tens o gesto e o peito, sê benvido ao mais poderoso império que jamais existiu!»

Vi logo, pela citação do imortal Camões, não serem aleivosas as afirmações que à boca pequena se faziam de Nero ser um autêntico plagiador.

(Continua)



— Quer que mande a casa, ou leva debaixo do braço.



— Não se incomode... Eu trago espingarda de casa.

AS NOSSAS AULAS

Diplomacia acima de tudo

Assim como há a carreira «Benfica», também há a carreira que fica bem. A primeira é dos «eléctricos»; a segunda, da diplomacia.

De facto, não existe nada que fique tão bem a uma pessoa como a cortezia. Um indivíduo diplomático vale tudo quanto pesa e quando o seu trato denota uma educação esmerada está mesmo a calhar para diplomata.

Depois, uma casaca de corte impecável, uma cartola luzidia e uma banda de cor vistosa fazem o resto.

Ambas as carreiras têm grandes apertos (às vezes, a casaca também os tem). Numa, os apertos são a qualquer hora do dia; noutra, nas ocasiões melindrosas, para as quais são precisos muito tacto e muita visão.

Uma pessoa que saiba ser diplomata consegue captar facilmente a simpatia de todos sem, contudo, evitar a inveja de muitos.

Sem dúvida, a diplomacia é uma ciência de tão alta categoria que consegue manter-se acima de tudo.

Graças a ela, obtém-se muita coisa que dificilmente se alcançaria com maus modos. Infelizmente, há quem se esqueça disto.

Bem entendido que este arazoado não diz respeito aos meus muito prezados e dilectos alunos que estão aqui devido ao facto de possuírem uma esmerada educação, tão esmerada que vai ao ponto de seguir, com a mais cortez das atenções, as minhas desluzidas preleções, as quais encerram tantos e tantos ensinamentos para aqueles que decidiram seguir tão espinhosa carreira.

Para um indivíduo ser perfeito diplomata é indispensável possuir um estômago muito forte, pois as constantes mudanças de terras obrigam a variar de comidas, nuns sítios mais indigestas do que noutros.

Assim, tão depressa se está às voltas com um saporosíssimo *caviar* como se tem que pôr a *caviar* para os confins do mundo a comer ninhos de andorinhas.

É certo que na diplomacia se sofrem muitos aborrecimentos mas, em compensação, gosam-se uns bocadinhos bem bons.

Além disso, muda-se constantemente de clima, de paisagem, de costumes, de língua, de música e de mulheres.

É claro, somos nós que mudamos pois as mulheres não mudam, nem por decreto. São

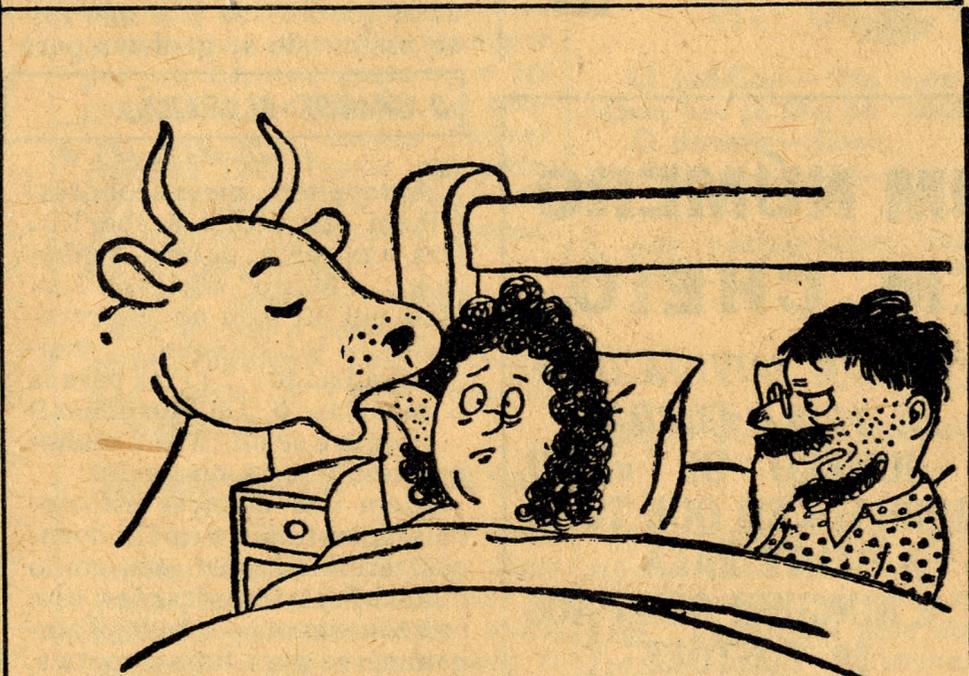
quer parte do globo terráqueo.

No entanto, todo o bom diplomata não deve despresá- sempre as mesmas, em qual-las. Pelo contrário, fará todo o possível por ter para com elas a maior cortezia. É o seu fraquinho...

Com palavrinhas doces, tudo se consegue das damas. É certo que há excepções... Sabemos muito bem que algumas, com a sua aparência de pombas, não desgostam do seu «borracho», de vez em quando...

Espera-vos um longo rosário de contrariedades. Não se importem com isso e estejam sempre alerta, no vosso posto, sorriso daqui, amabilidade dali mas... de pé atrás!

E para a frente é que é o caminho! — José Cortês.



— Tens a mania de trazer animais para casa e depois é isto.

RECEITAS

DE

MESTRE CALDEIRÃO

Língua estufada à lisboeta

Compra-se uma língua que não seja viperina e coloca-se na Estufa Fria, como quem não quer a coisa, sem o guarda ver. Deixa-se lá estar vinte e quatro horas e depois retira-se com as mesmas cautelas.

Depois, pode-se cozinhar à vontade, porque o frio da estufa matou os micróbios.

Deitam-se doze folhas de louro — papagaio! — besunta-se com colorau picante e esfrega-se até fazer faiscas.

Quando a língua estiver a arder, raspa-se o colorau e borrifá-se com vinagre aromático. Vai ao forno e achamos que faz muito bem.

Serve-se às fatias, guarnecida de pimentos picantes peladados à pinça.

Experimentem este petisco mas — vejam lá!... — guardem segredo acerca desta receita, isto é, não dêem com a língua nos dentes.

Bolo podre

Parece impossível que haja quem goste de coisas podres. No entanto, nada mais delicioso do que este bolo, quando é bem feito.

Temos uma receita estupenda que dá um resultadão.

Ora, experimentem:

15 quilos de açúcar patife, isto é, refinado, 20 quilos de farinha ardida, 3 dúzias de ovos podres (o estado dos ovos é que dá o nome a este belíssimo manjar), 250 gramas de bicarbonato de sódio e três gotas de essência de canela.

Amassa-se muito bem e vai-se deitando, aos poucos, dois quilos de farinha de coco.

Depois de se dar ao coco umas cinquenta voltas, vai a massa ao forno da padaria porque os de nossas casas não chegam, são muito pequenos.

Uma vez pronto, polvilha-se com penicilina.

Como se trata de um bolo de grande formato, leva muitos dias a comer. Quanto mais para o fim, mais podre está.

Bacalhau dourado

Não é preciso pôr de molho o bacalhau. Basta pintá-lo com tinta dourada. Depois, come-se cru, às tiras, com ou sem pão, acompanhado de boa pinga. Quem não gostar de dourados, pode pratear o bacalhau que o gosto é o mesmo...

Leia a
Filmagem

GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORÍSTICAS

PRÉMIOS: 1.º 500\$00 — 2.º 250\$00 — 3.º 150\$00

É concorrer, é concorrer... Todos os dias chegam à nossa redacção dezenas de cartas com quadras para este ultra-fantástico concurso. É concorrer, leitor, que o prazo está a acabar e os prémios são tentadores!

QUADRA N.º 38

Pauladas naquela santa!
Minha vida é paraíso...
Que importa que pinte a mantã
Se disfarça lendo o «Riso».

Américo José Girio.

QUADRA N.º 41

O riso de medo é branco,
O de fome é amarelo,
O de saúde — sempre franco;
— É por este que eu me pelo!

Forterra.

QUADRA N.º 39

Há quem morra de fome,
D'amor, triste, sem juízo,
E de pançadas, quem come,
Mesmo que sejam de riso.

Forterra.

QUADRA N.º 42

Oh minha querida sogra,
Oh meu anjo idolatrado
Se cá pões o pé em casa,
Vais passar um mau bocado.

Fernando Canelas.

QUADRA N.º 40

P'ra que serve o rancor
Nesta vida tão maçada?
Esta vida sem amor
E sem riso não é nada.

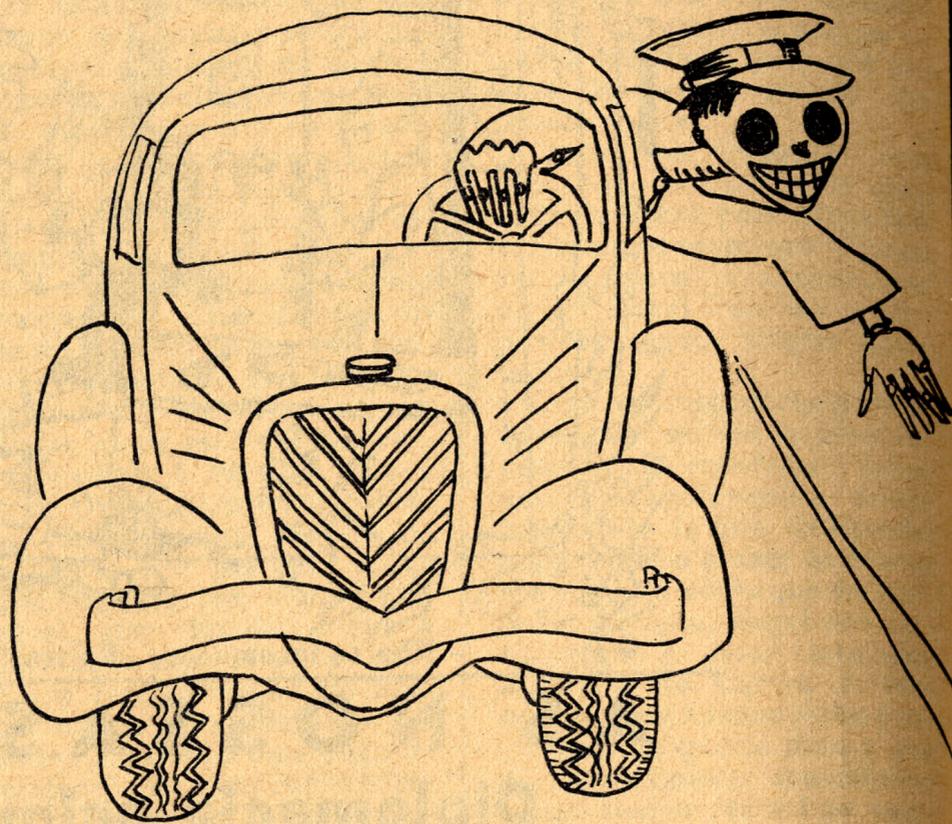
Forterra.

QUADRA N.º 43

Oh sogra da minha alma
Oh anjo que a Musa canta,
Por que razão te crismaram
C'o nome «daquela santa».

Fernando Canelas.

ESQUELETOS NO AR



— Para onde deseja seguir?

— Quem é?

EU FALEI A NERO DIVINO

(CONTINUAÇÃO)

Retorqui com uma frase da mais elegante etiqueta:

— «Que os deuses te sejam propícios, ó divino!»

Ofereceu-me «chicletes», que recusei, julgando que, com a distância, os hábitos não tivessem mudado e, como em Lisboa quando se oferece tabaco, voltasse a oferecermos. Mas como não insistiu fiquei sem «chicletes»...

Nessa tarde tivemos uma grande entrevista que, devido às circunstâncias internacionais não o permitirem, me abstenho de reproduzir. Nela me foram revelados importantes segredos da política internacional, entre baforadas de um excelente charuto que Nero fumava com delícia.

Foi nesta tarde, também, que recebi o honroso convite para permanecer em Roma durante alguns meses.

Dos passeios que dei pela cidade recordo-me de ver uns carros amarelos, com destino a vários locais, e que circulavam vagarosamente. Passavam três ou quatro, pegados uns aos outros, com letreiros idênticos. Depois esperava-se vinte minutos e passava mais um, ainda mais vagarosamente. Disseram-me que aquilo era mesmo assim e já não tinha remédio.

Um dia Nero lembrou-se de deitar fogo à cidade, que ficou tão negra como um banhista da Costa do Sol.

Todas as noites tinha de ouvir cantar e tocar harpa de uma maneira tão brutal que

qualquer aluno do Conservatório se envergonharia. Outras vezes era a declamação dos seus próprios versos, coisa que o nosso Vilaret, se escutasse, morreria de pavor. Mostrei o meu desagrado, evidentemente: Pateada, assobios à geral do Coliseu dos Recreios.

Desesperado com o desacato, Nero acusou-me de deitar fogo a Roma.

Fugi. Nero teve um grande desgosto por não se poder vingar de mim, e começou a perseguir ferozmente os cristãos.

E no fim de tudo isto, o meu nome não ficou na História.

Leo.

UM NÚMERO EM CHEIO

SERÁ SEM DUVIDA O DE 3.ª FEIRA GORDA!
O NUMERO DE «RISO MUNDIAL» EM QUE TODA A GENTE FALA...
... E NINGUEM OLHA AOS 10 TOSTÕES



AÍ VAI A RESPOSTA

Adriano da Conceição Morais (Porto) — As anedotas que nos envia não serão publicadas porque o meu amigo não tem a noção das coisas que podem ser publicadas. Isto, quanto à liberdade da sua primeira anedota. Quanto à segunda: tem umas grandes barbas. Não se zangue com esta franqueza... e Saramago!

Jaime Machado (Gaia) — O meu amigo pode concorrer com as quadras que quizer mas... mas, é claro, tem que nos enviar uma senha para cada quadra! Se isto não fosse assim não se ganhava para

o petróleo... e Saramago!

Rui Pereira de Medeiros (Porto) — O desenho que nos envia é um pouco fraco... da espinha. Mas não desanime que ela ainda se pode endireitar.

Henrique Emídio Santos (Faro) — «Faro à vista» não foi publicado porque já não existe a secção de «Riso na província» e porque... (...não sei porque te foste embora!).

«Receita para curar paixões» tem pouca graça. Continue, que você com uns toques vai lá! Boas-Festas e Saramago.

O GRANDE ALDRABÃO

(Conclusão da pág. 6)

Aproveitem, meus senhores! Olhem que está a acabar!... Ora um para aquela senhora!... Muito obrigado!... Mais um ali para aquele cavaleiro... faz obséquio... muito agradecido... (Tira para lá o macaco, ó Zé Patranhas!)... Soma e segue! Meus senhores, isto já está no fim!

Além das doenças estomacais, intestinais e mais doenças terminadas em ais, como comichões e intoxicações, este remédio serve para tudo! Também serve para limpar metais, para matar pulgas e percevejos! Na cabeça, evita a queda do cabelo, e nos pés, evita o crescimento dos calos!... Meus senhores e minhas senhoras...

Conheça a sua terra!

O combóio, é o meio mais prático, seguro e económico para conhecer Portugal.

NÃO GUARDE PARA 4.ª O QUE PODE FAZER NA 3.ª

Caso contrário correrá o risco de ficar sem o nosso numero especial de Carnaval

Central

RESERVADA



APONTAMENTOS DE CRÍTICA POR ROUSSADO PINTO

O passado sábado, dia 17, pelas 22 horas e 30 minutos realizou-se no Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», uma festa de homenagem ao prof. dr. Jorge de Faria e á Imprensa. Decorreu animadamente, no ambiente familiar, que é característico na simpática colectividade. Principiou com a opereta «Bom dia, meu amor!», seguindo-se a entrega duma mensagem e do emblema em ouro ao dr. Jorge de Faria. Depois, apresentaram um sarau onde colaboraram alguns artistas de cinema, teatro e rádio e, por fim, um copo de água, onde havia muito vinho...

Sobre a referida opereta «Bom dia, meu amor!» pouco ou nada temos a dizer, se olharmos a que se trata dum original escrito e interpretado por amadores. Queremos, no entanto, registar o esforço e a boa vontade que todos empregaram no sentido de proporcionar um bom espectáculo. Aparte os diálogos, forçados e dando a ideia triste, de quem os escreveu, andou a procurar termos e pensamentos em calhamaços poeirentos, obrigando os personagens a uma situação falsa, criando sérias dificuldades na interpretação aos jovens amadores.

Actuaram, Judite Nunes na criada Fátima, com verdadeiro sentido artístico; e com á-vontade relativo, Arminda Rebelo, Celeste Almeida, Julia Almeida, Ivone Dias Correia, Jaime Ferreira, José Maria da Cruz, Amorim de Carvalho e Abílio Simão.

Falaram durante a entrega da mensagem ao prof. dr. Jorge de Faria, além do representante da colectividade, o presidente da Federação das Sociedades de Recreio, que elogiou a obra do homenageado no sentido do engrandecimento em prol do Teatro de Amadores, e o presidente duma sociedade congénere. Agradeceu profundamente emocionado o prof. dr. Jorge de Faria e, seguindo-se o sarau, onde colaboraram João Villarett que recitou uma poesia de Augusto Gil, e outra de António Botto; os conhecidos bailarinos Linda Rosa e Carlos Coelho da empresa Rosa Mateus; a actriz Zeca Fonseca, bastante ovacionada num numero do seu reportório; Aida Baptista,

que com a sua alegria habitual deu ao programa, uma vivacidade extraordinária e Fernanda Baptista cantou dois fados. Seguiu-se Marylu, que trazia as unhas mal pintadas, e «sambou» com o ritmo relativo da orquestra Jorge d'Avila, que animou o espectáculo. Sebastião Coelho também cantou... Fizeram as apresentações, na primeira parte, Francisco Esteves, que se conduziu bem, e na segunda, Felix Rodrigues, conhecido locutor, que deu provas das suas possibilidades. Com graça natural, durante os segundos que este esteve no palco conseguiu apanhar a atenção do publico. E por ultimo, o copo de água, onde todos se afogaram ou quase. Registamos, gentilmente, a voracidade demonstrada pelos «jovens artistas amadores» que resistiram a todos os discursos, dando encarniçadamente ás mandíbulas...

Daqui, RISO MUNDIAL, deseja ao Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes», prosperidades e fé no Ideal por que há tanto lutam, e põe, incondicionalmente, as suas colunas ao inteiro dispor.

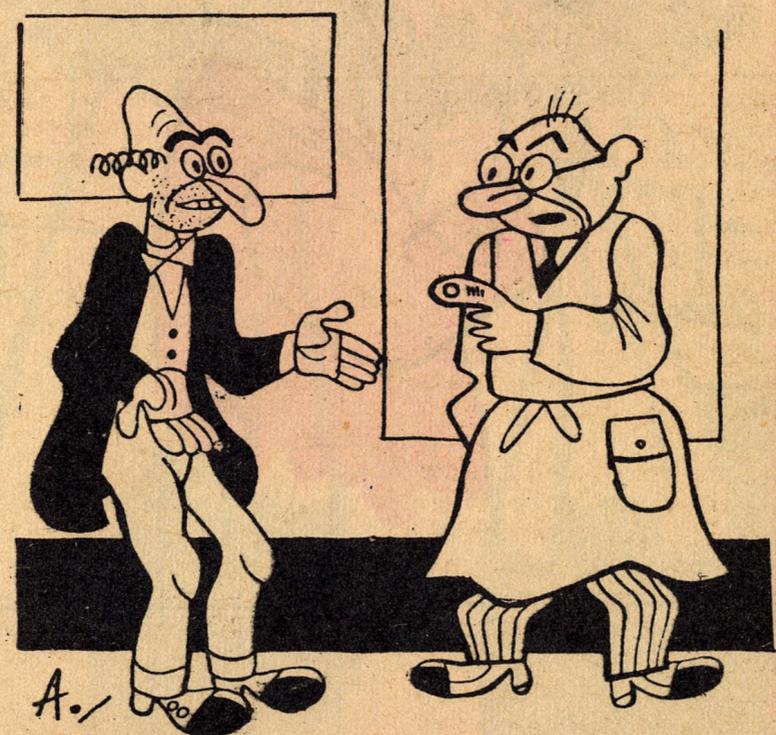
Uma história com o Piçarra

Luiz Piçarra mora ali para o Rio de Janeiro (em Lisboa, claro!). Pois é o caso, que todos os dias, quando passava pelo jardim, um grupo de ardinhas punha-se a gritar: O' Piçarra! O' Piçarra! «Voltava-se repetidas vezes, mas os gritos acabaram-se e nada. Um dia, quando estava a comprar tabaco num quiosque que por ali há, rodearam-no o tal grupo de vendedores, e mesmo nas suas barbas (talvez queixos fosse mais apropriado!) gritaram: «O' Piçarra!». Já aborrecido com a brincadeira, perguntou:

«Que querem?» Resposta: «Não é com o senhor! E' com aquele «gajo»! Tem a mania que canta...» (Não fazemos comentários).

Diz que não vai — mas vai!

Leonor Maia que recentemente chegou de Itália, disse a um jornalista, que se por cá achasse contratos não abandonaria o nosso país para ir filmar ao estrangeiro. Desconheciamos que a popular artista tivesse tão boa garganta



O médico — Ora essa é muito boa! Então comer fruta com casca, faz prisão de ventre? Que comeu você?
O doente — Côco.

por conseguinte, cantasse tão bem...

Mickey Rooney está a chegar

Anunciamos em primeira mão a vinda do Mickey a Lisboa. Mais um cartaz de assombrar, conseguido pela Agência Internacional Artística. Depois dos Nicholas, Deus Nosso Senhor nos salve de tantas comoções!

Galveia Rodrigues a postos!

Não sei se o leitor se recorda de falarmos do malfadado filme «Até á volta». E' claro que nunca mais voltou. Foi-se e foi-se de vez... e de tal maneira que nem sequer pagou ao realizador Galveia Rodrigues. Mas agora surge-nos o referido senhor a dizer que arranjou um sistema prático de os produtores desembolsarem a «massa». Terá isto afinidades com o seu crescente interesse pela luta livre?

